

## A HISTÓRIA POR TRÁS DA “EXPRESIÓN AMERICANA” DE LEZAMA LIMA

Eliane Terezinha Piccolotto (UTP)  
[elianet.arruda@hotmail.com](mailto:elianet.arruda@hotmail.com)

### 1. *Lezama e sua vida*

José Lezama Lima<sup>33</sup> é um autor que tem uma imensidão de riqueza e complexidade em suas obras. É um escritor fascinante. Falar sobre ele é fácil. Difícil é decifrar suas palavras. Ele mesmo dizia – com sua frase mais conhecida: “(ni quiso ser) un escritor fácil “Sólovo difícil es estimulante” (LEZAMA LIMA, 1993, p. 57).

Mas quando conseguimos decifrar suas palavras, começamos a admirar e estabelecer um contato concreto do que ele queria dizer.

Este artigo se propõe a estabelecer este contato que ele faz na América Latina e alerta sobre a perda da identidade cultural, frente a entrada de novas culturas e a submissão ao poder econômico. Quem somos? Afinal o que é a América Latina? O autor retrata o passado, o futuro e o presente.

Para estabelecer esta questão, utilizaremos alguns pontos de vista de Hegel<sup>34</sup> (1971) sobre o encontro do velho mundo com o novo mundo,

---

<sup>33</sup>Lezama Lima (1910-1976) nasceu em Cuba, onde passou praticamente toda a sua vida. De família *criolla*, formou-se em direito, tendo no entanto se dedicado essencialmente às leituras e à escritura – “Hay que ser el que escriba”, dizia sua mãe. Confinado em sua biblioteca praticamente todo o tempo, envolvido numa aura de obscurantismo, pouco ou nada participou dos debates políticos que assolaram seu país a partir da Revolução Cubana, cujo projeto cultural recusou-se a abraçar, sem no entanto criticar explicitamente; uma das razões pelas quais foi, durante certo tempo, relativamente posto à margem pela crítica, além de desconhecido de boa parte do público. Começou a escrever logo cedo, publicando sua primeira obra – o poema *La muerte de Narciso*, escrito aos vinte e poucos anos – em 1937. Escreveu sobretudo poesia, gênero que mais lhe agradava, além de diversos ensaios e artigos, para somente depois vir a publicar romances; *Paradiso*, de 1966, e o romance póstumo *Oppiano Licario*, de 1977. Ao lado de José Rodrigues Féo, foi fundador e diretor da revista *Órigenes*, sem dúvida uma das revistas de maior importância da história cultural latino-americana, tendo colaborado também com diversas outras revistas de sua época. Olhado com desconfiança por uns, incompreendido por outros, ou no extremo oposto, convertido em objeto de adoração, seja por sua trajetória, seja por sua escritura, é hoje tido como um dos maiores escritores latino-americanos do século XX.

<sup>34</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel Filósofo alemão, máximo representante del idealismo y uno de los teóricos más influyentes en el pensamiento universal desde siglo XIX. Nacido en Stuttgart el 27 de

e tentar descobrir no ensaio de Lezama, em *La expresión americana*, sobre estas páginas.

Lezama indaga e comenta “*Lo que todavía nos asombra, es el desatado interés de Ortega Y Gasset<sup>35</sup>, por esas siete u ocho páginas donde Hegel enjuicia la América, en su Filosofía de la Historia universal.*” (LEZAMA LIMA, 1993, p. 194), afirmações surpreendentes sobre o continente americano.

Para José Santos Herceg<sup>36</sup>, no livro *La idea de América en los pensadores occidentales*: “*Nadie en nuestro continente debería desconocer las sorprendentes afirmaciones de Hegel acerca de la América latina, por una parte, ofensivas, en efecto sin duda es posible hablar de ellas, como muchos lo han hecho...*” (HERCEG, 2009, p. 31)

Com estas afirmações, Herceg (2009) demonstra uma inquietação e nos faz refletir sobre estas afirmações ao longo das páginas sobre Hegel.

Mas a descoberta de um novo mundo, onde o filósofo em poucas páginas analisa a América é surpreendente, além de mostrar como esta imagem foi implantada na história dos povos americanos, “*como sea, la imagen, europea de América enseña y, he aquí es asumida por los propios americanos, como la representación de su mundo*” (HERCEG, 2009, p. 32).

O filósofo espanhol Ortega y Gasset (1963) escreve sobre as afirmações de Hegel contra o mundo novo. Em seu texto, ele analisa e tenta encontrar razões para descobrir o pensamento de Hegel:

*América coloca el pensamiento histórico de Hegel en una situación dramática, mejor aún, paradójica. Cuando una idea sufre de sí misma y lleva en su interior dolorido un drama lógico adopta la máscara escénica de la paradoja. En este caso es lo paradójico que Hegel no puede instalar en América – por ser un porvenir – en el cuerpo su Historia universal (ORTEGA, 1963, p. 2).*

---

agosto de 1770. Escribió el libro 'Lecciones sobre la filosofía de la historia universal, 1837, donde dedicó 8 páginas sobre el mundo nuevo e mundo viejo.

<sup>35</sup> José Ortega y Gasset (Madrid, 1883-1955) Filósofo y ensayista español. Su pensamiento, plasmado en numerosos ensayos, ejerció una gran influencia en varias generaciones de intelectuales.

<sup>36</sup> José Guillermo Herceg Profesor Doctor en Filosofía por la Universidad de Konstanz Alemanis, escribió un capítulo en lo Libro “América Latina en los pensadores occidentales, 2009, p. 31, 42 con el título “La imagen de América en Hegel”, profesor asociado de la Universidad Valparaíso en Chile

Ortega relata a necessidade mais traduções do livro *La historia Universal*, de Hegel, e que deveria ser melhor analisado o discurso do filósofo alemão sobre a América:

*Hegel es un caso curioso de archi-intelectual que tiene, no obstante, psicología de hombre de Estado. Autoritario, imponente, duro y constructor. Su alma no se parece nada ni a la de Platón, ni a la de Descartes, ni a la de Spinoza, ni a la de Kant.* (ORTEGA, 1963, p. 1).

Ele não poupa palavras e não economiza no vocabulário para estar em desacordo com o que está escrito. O discurso é acalorado, apresentando indagações de como é mostrado o novo mundo, visto aos olhos do filósofo.

Lezama, através de seus textos, identifica a perda da identidade cultural, e alerta para que suas críticas sejam interpretada como uma visão do futuro para América. E como ela não encontrou a maneira de manter-se e possui a ilusão de que está sendo bem tratada, com respeito e dignidade, esquece-se de quem é. O autor viveu os momentos mais turbulentos da história de cuba, lutando contra a ditadura de Machado e posteriormente sobrevivendo ao regime de Castro.

A revolução foi um impulso para os artistas da época, já que foi permitida a difusão e projeção da arte em um grau que não havia ocorrido antes. Lezama trabalhou brevemente com novas publicações e assumiu um cargo no Conselho Nacional da cultura e União de escritores. Por seu olhar crítico, não foi bem recebido pelo governo.

Sua obra é ampla e abrange ensaios, poesia e prosa. No livro de Irleamar Chiampi<sup>37</sup>, que brilhantemente nos ofereceu um texto anotado e comentado de *La Expresión Americana*, proporcionando-nos a leitura e análise da obra, com todas as dificuldades para traduzir os manuscritos, levando em conta que para ele não importavam os erros gramaticais. Como o próprio Oviedo<sup>38</sup> afirma:

*Lezama pensaba y escribía torrencialmente como si el lector pudiese seguir todos los recodos y sutilezas de un universo rebosante de ideas y referencias, citas, insólitas asociaciones y sobre todo imágenes, cuya dedicación exigía una concentración excepcional, podía pensar con imágenes no le importaba si estaba escribiendo poemas o ensayos* (OVIEDO, 2001, p. 152)

---

<sup>37</sup> Irleamar Chiampi, escribió el libro de Lezama "La expresión Americana" con textos comentado e con gran dificultad, y considerado un do mejores para decifrar las palabras de lezama.

<sup>38</sup> José Miguel Oviedo, uno de los más prestigiados críticos literarios peruanos.

O escritor cubano ficou mais conhecido e famoso no exterior através de *Paradiso* (1966), sua obra prima. Na edição de Eloísa Lezama<sup>39</sup>, Ortega comenta e faz uma referência da obra,

*el poeta y crítico peruano, se refiere a Paradiso como una novela sin entrar en dudas. Paradiso es una novela que sitúa la experiencia personal en un proceso formativo para sumirla como poética dentro de la realidad conjugada por el encantamiento verbal. (LEZAMA, 1980, apud: ORTEGA, 1963, p. 28)*

Com 15 anos, Lezama lia livros filosóficos de grandes autores, como Goethe, Maritain, Montaigne, Hegel e Mallarmé. Foi um estudante brilhante. Como afirma Oviedo: “*Su espíritu barroco ama los contrastes y los excesos y los lleva hasta la distorsión más arbitraria. Como Góngora, Lezama puede ser admirable pero también irritante.*” (OVIEDO, 1990, p. 106)

## 2. América

Lezama traduz, em sua escrita, perfeitamente como é a América que ele conhece, questionando com isso todo o processo do novo mundo.

Leopoldo Zea<sup>40</sup> (1953) destaca que a América depois de descoberta e conquistada, aos olhos do europeu, apresenta um mundo diferente, um povo com outras tradições e com outras ideias do mundo e da vida. Os conquistadores, ao chegarem ao poder, sem compreendê-los, de acordo com seus pontos de vista, começaram a negar sua identidade.

O que é a América Latina? Ela não possui uma identidade fiel, já que é um novo mundo. Lezama recria e indaga este novo mundo que acaba perdendo-se durante o processo de supremacia europeia:

*En América donde quiera que surge posibilidad de paisaje tiene que existir posibilidad de cultura. El más frenético poseso de la mimeses de lo europeo, se licua si el paisaje que lo acompaña tiene su espíritu y lo ofrece, y conversamos con él siquiera sea en el sueño. (LEZAMA, 1993, p. 188)*

---

<sup>39</sup> Eloísa Lezama Lima irmã de Lezama escribió *Paradiso* por la editora Catedra, 1980, vivia en Miami y murió en 25 de marzo de 2010, Eloísa Lezama fue maestra de la Escuela de Publicidad en La Habana, adscrita a la Universidad de La Habana, en los años 50 y 60, hasta que se fue de Cuba a Puerto Rico con su esposo, el publicista Orlando Alvarez. En San Juan fue profesora de Literatura en la Universidad Interamericana.

<sup>40</sup> Leopoldo Zea, Filósofo mexicano, Director del Centro de Estudios Latinoamericanos (1982-1995), escribió un ensayo en 1953, llamado “América como consciencia”.

Ele e José Martí<sup>41</sup> (1891) não acreditam que a América seja apenas um conto de fadas, e que eles tem que aceitar a realidade imposta sem lutar por seus direitos e por sua identidade. É impossível se calar, tamanha é a indiferença das atitudes de seu povo “*Ni, en qué patria puede tener un hombre más orgullo que en nuestras repúblicas...*” (MARTÍ, 1891, p. 2). Em toda a América eles se colocam contra esta ditadura de identidade, com a chegada dos colonizadores.

Não houve resistência por parte dos nativos diante dos europeus. Parece inclusive que estavam esperando, como relata Pedro Geraldo Aparecido Novelli<sup>42</sup>:

A vinda do europeu nas culturas nativas era uma predisposição a um outro para além do que se já conhecia. Não sendo assim, o ser do Novo Mundo é tomado como vindo de fora. O *lógos* europeu se propaga para além de seus limites geográficos como a *pólis* grega que, a partir de seus muros, reconhece a barbárie fora de si. (NOVELLI, 2006, p. 3)

Hegel também se manifesta diante da condição dos nativos:

*Es necesario llevar a la historia la fe y el pensamiento de que el mundo de la voluntad no está entregado al acaso. Damos por supuesto, con verdad, que en los acontecimientos de los pueblos domina un fin último, que en la historia universal hay una razón – no la razón de un sujeto particular, sino la razón divina y absoluta* (NOVELLI, In: HEGEL, 1989, p. 44).

Tudo isso é transmitido diante da perfeita sociedade europeia, como se o mundo pertencesse a eles. América Latina nunca existiu diante da imaginação dos europeus. O povo para eles sequer tinha uma memória, ou o mesmo uma cultura a ser respeitada.

Com esta argumentação nasce uma preocupação com a incorporação de novas culturas e influências europeias. Com isso o povo não consegue ver que está perdendo sua identidade cultural. Esta América Latina tão certa de tudo não enxerga os erros cometidos no passado, quando foi conquistada e colaborou com seus conquistadores – esquecendo-se de quem era -. Existe uma diferença entre ser e querer ser. A incorporação

---

<sup>41</sup>José Martí escribió en la revista *Ilustrada de Nueva York* en 1891 un ensayo llamado *Nuestra América*. su objetivo era principalmente el análisis crítico de una situación determinada de la historia, la escritura estaba cargada de poesía. Este ensayo fue un llamado a la unión de los pueblos hispano-americanos.

<sup>42</sup>Pedro Geraldo Aparecido Novelli profesor doutor en filosofía por la Unicamp escribió un artículo titulado “*América Latina: erupción de una filosofía*” que argumenta el encuentro do velho mundo con el nuevo mundo con la perspectiva de Hegel.

de outras culturas é tão grande que não faz diferença na apropriação de seu bem maior que é a sua liberdade. Lezama alerta sobre este fato:

*En esa, quizá la posición más peligrosa que pueda ofrecer la historia de la cultura, entre lo egipcio y lo persa, el griego intuyó con alegría de dónde le vendría el velamen más sabio y la maldición más estéril. Gozó deliciosamente de los ofrecimientos egipcios, y se aprestó a resistir al dragó extenso y caprichoso (LEZAMA LIMA, 2005, p. 187)*

A exploração também vem a ser um assunto em que “...no entanto, a raça não somete se reconecte pelo que lhe parece e pode ser aceitável pois nem tudo o que é feito remete obrigatoriamente ao que possa ser assumido, pela maioria, como expressão do bem.” (NOVELLI, 2006, p. 4).

Tudo o que foi baseado nos fatos históricos é mais aceitável, diante do progresso, mesmo que isso signifique evitar a própria realidade.

Hegel descreve o novo mundo como um mundo exaustivo “*Cette Europe ma annuie*”<sup>43</sup> (NOVELLI, *apud* HEGEL, 1989, p. 177)

O novo mundo é totalmente depreciado pelos conquistadores, pois tinham que ensinar tudo aos conquistados e explicar como tudo funciona no Mundo Velho, porque o certo para eles era o modelo do Mundo Velho.

Com isso Lezama faz críticas a Hegel quando este disserta sobre *la carne europea*:

*Aseguran (...) que los animales comestibles no son en el Nuevo Mundo tan nutritivos como los del Viejo. Hay en América grandes rebaños de vacunos, pero la carne de vaca europea es considerada allí como un bocado exquisito Han pasado cien años que ya hacen irrefutables, y si ridículas, esas afirmaciones hegelianas (LEZAMA LIMA, 2005, p. 193)*

Entretanto, Lezama afirma que são ridículas as afirmações, conforme Hegel a descreve:

*En los animales mismos se advierte igual inferioridad que en los hombres. La fauna tiene leones, tigres, cocodrilos, etc.; pero estas fieras, aunque poseen parecido notable con las formas del viejo mundo, son, sin embargo, en todos los sentidos más pequeñas, más débiles, más impotentes. Aseguran que los animales comestibles no son en el nuevo mundo tan nutritivos como los del viejo. Hay en América grandes rebaños de vacuno, pero la carne de vaca europea es considerada ahí como un bocado exquisito. (ORTEGA, 1928, p. 2, *apud* HEGEL, 1831)*

---

<sup>43</sup> Esta Europa me cansa.

Ortega y Gasset (1963), apesar de tudo, exalta o pensamento de Hegel sobre a filosofia da história e afirma que o filósofo alemão não entendia a América, e que suas maiores falhas originaram-se não ao seu método especulativo, mas na limitação em que todo seu saber empírico sofria. Hegel foi um grande filósofo até hoje muito estudado. Pesquisadores o estudam por seus escritos sobre a história universal, no entanto, sobre a América ele estava equivocado.

No fragmento abaixo, fica clara a posição do filósofo com relação a América: uma nação submissa que não sabe da nada. Uma perda de tempo. Para ele não havia porquê colonizar este novo mundo.

*Las tierras del Atlántico que tenían una cultura cuando fueron descubiertas por los europeos la perdieron al entrar en contacto con éstos. La conquista del país señaló la ruina de su cultura, de la cual conservamos noticias. Se reducen éstas a hacernos saber que se trataba de una cultura natural, que había de perecer tan pronto como el Espíritu se acercara a ella. América se ha revelado siempre y sigue revelándose impotente en lo físico como en lo espiritual. Los indígenas, desde el desembarco de los europeos, han ido pereciendo al soplo de la actividad europea. (ORTEGA, 1928, p. 2 apud HEGEL, 1831).*

O pensamento dos europeus, diante de um Mundo Novo é totalmente desfocado. Lezama (2005) cita que “*Para Hegel el logos actúa en la historia en una forma teocéntrica, es decir, Dios es logos, sentido, al no encontrar con la facilidad requerida por la absoluteza de su apriorismo<sup>44</sup>, desconfía y nos otorga su desdén*” (LEZAMA, 2005, p. 194). Irlemar Chiampi (2005) aponta que Hegel olhava a natureza como uma entidade parada sem valor, sem evolução e Lezama ao contrário considerou a natureza em perfeito movimento. O filósofo alemão depreciou a terra que desconhecia.

Para que o logos atue na história, Novellis (2006) relata:

*[...] que o lógos europeu se propaga para além de seus limites geográficos como a pólis grega que, a partir de seus muros, reconhece nele a barbárie fora de si. O reconhecimento do bárbaro afirma o reconhecimento do próprio grego. De igual modo, o Velho Mundo reconhece o Novo, mas não se reconhece nele (NOVELLIS, 2006, p. 2)*

Jose Martí (1831) defende sua terra “*La historia de América, de los incas a acá, ha de enseñarse al dedillo, aunque no se enseñe la de los arcontes de Grecia. Nuestra Grecia es preferible a la Grecia que no es*

---

<sup>44</sup> Apriorismo, el conocimiento a priori es aquel que, en algún sentido importante, es independiente de la experiencia

nuestra.” (MARTÍ, 1831, p. 1) É preferível continuar em nossa casa, com a cultura que temos, a sermos oprimidos por nossos conquistadores, conforme nos sugere José Martí.

O incansável Lezama faz críticas al norte-americano, quando fala sobre o jovem americano

*Así el joven pintor americano, al sentir el aguijón fertilizante de Picasso, no actuaba con desacordado espíritu mimético ni con perpleja sangre aguada, sino como el joven ucraniano, borinqueño, o lusitano, que recibían a este San Jerónimo de la plástica* (LEZAMA LIMA, 2005, p. 185).

Picasso<sup>45</sup>, uma das mais importantes personalidades e que mais influenciou o mundo, até mesmo mais que um Rafael<sup>46</sup>.

Lezama solta farpas contra a religião, quando Hegel defende o protestantismo na América, como comenta Chiampi:

*En las pocas páginas que Hegel dedicó al Nuevo Mundo en sus Lecciones es notoria su visión negativa del catolicismo. Lezama, como católico, no debe de haber leído con aprobaciones ese balance de los efectos de su fe religiosa en el proceso de colonización* (CHIAMPI, 1993, p. 32)

O colonizador impôs suas tradições, inclusive sua religião. O americano perdeu a tranquilidade com as atitudes dos invasores. A América deixou de existir: “*El mundo indígena que había sido arrasado y destruido empieza a surgir subterráneamente*” (ZEA, 1953, p. 29)

### 3. Considerações finais

Não temos o objetivo de afirmar o que é a América, ou seja, somente podemos dizer que, conforme Lezama em seu discurso *Sumas críticas del americano*, este previa uma consternação diante do povo. “Dir-se-ia que a visão cósmica do escritor latino americano é antes de mais uma visão no sentido literal da palavra, quer dizer, a percepção de um espaço físico um espaço imenso, um espaço cujos contornos se esfumam ao longe” (MACHADO, 1978, p. 14)

Alguns autores como José Martí, Leopoldo Zea, Lezama Lima, além de outros, escreveram sobre a América e possuem a preocupação de

<sup>45</sup> Pablo Picasso 1881 a 1972, pintor, escultor y diseñador español, fue uno de los maestros del arte del siglo XX, es considerado uno de los artistas más famosos y versátiles en el mundo.

<sup>46</sup> Rafael Sanzio (1483 a 1520) fue un pintor y arquitecto italiano del Alto Renacimiento

alertar para que ela não perca a identidade, nem sua cultura e, se a perdeu, tente reconstruir-se com a firmeza que os povos latino-americanos tem em seu coração.

Para o sofismo, segundo Aristófanes:

[...] *se debe inventar razones nuevas.*

*Procuremos inventar pasiones nuevas, o reproducir las viejas con parejas intensidad.*

*Analizo una vez mas esta conclusión, de raíz pascaliana: la verdadera creencia está entre la superstición y el libertinaje. (Algunos tratados en la Habana, 1971, p. 119)*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HYPOLITE, Jean. *Introdução à filosofia da historia de Hegel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971

LEZAMA LIMA, José. *A expressão Americana*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

\_\_\_\_\_. *Paradiso*. Madrid: Catédra, 2006.

MACHADO, Álvaro. *Introdução à literatura latino-americana contemporânea*. Lisboa: Presença, 1978.

ORTEGA Y GASSET, José. Hegel y América. *Revista de Occidente*, vol. II, p. 563-570, 1963, Madrid, 1963.

OVIEDO, José Miguel. *Breve historia del ensayo hispanoamericano*. Buenos Aires: Alianza, 1991

\_\_\_\_\_. *Historia de la literatura hispanoamericana: de Borges al presente*. Buenos Aires: Alianza, 2001